

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Mestrado Profissional em Educação e Docência Promestre**

Naktã Pataxó – Inglis Sales dos Santos

KIJÊMI KUÃSÊ - Casa Sabedoria

Belo Horizonte
2023

KIJÊMI KUÃSÊ - Casa Sabedoria

“Uma vara só, quebra.

Um moí é mais difícil”

Tururim Pataxó

Aqui na aldeia tem um centro cultural em homenagem a ex Cacica Maria José, hoje o mesmo se encontra em situação precária, sem reformas, usamos para apresentações culturais, e no ano de 2022, após volta de aulas presenciais, fizemos a semana cultural no mês de abril. Para deixar o centro cultural mais apresentável, propus aos estudantes do ensino médio a pintá-lo, mas não tínhamos recursos financeiro para comprar as tintas. A partir dessa necessidade de pintar o centro cultural, tive a ideia de encontrar tawá amarelo (barro), para usar como tinta. Os estudantes do ensino médio foram buscar o barro em uma região da aldeia com distância aproximadamente três quilômetros. Fizemos a mistura do barro com água e pintamos o centro cultural, juntamente com os estudantes do fundamental e ensino médio.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2022)



(Fonte: Aynoã Pataxó, 2022)

Após essa experiência, pensei em fazer um kijeme tradicional usando todas as técnicas Pataxó. E nesse ano de 2023, quando falei com meu pai para ajudar na construção, ele prontificou a ajudar. Quando a luta é individual é mais difícil de ser vencida, quando tem a união de várias pessoas, a luta será mais fácil de ser conquistada.

Depois de pensar muito, decidi fazer a Kikême Kuãsê que significa (casa sabedoria), ao refletir sobre toda a luta que a aldeia e a escola passaram. Quero deixar registrado material e imaterialmente essa trajetória. A mãe terra deu todos os materiais que precisei, desde o alicerce à cobertura.

Antes de começar com a construção, meu pai disse que para tirar as madeiras e varas, teria que ser na noite escura, para a madeira não ser danificada por brocas e insetos. Assim foi feito. Esse ensinamento das fases da lua sempre ouvi dele. Após a qualificação da dissertação, iniciamos com as madeiras. Pai conseguiu as madeiras que serviram como esteios, e os caibros, esses foram puxados de trator até o terreiro de casa. É uma kijême de taipa, medindo 5x4 metros, construída por nós da aldeia, sendo que todo madeiramento meu pai tirou e trouxe com a ajuda do trator da ACIPAMM, Associação Comunitária Indígena da Aldeia Meio da Mata. Começamos a fazer as marcações no terreno no mês de junho.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, esteios do kijeme.)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, caibros)

Ele tirou esses enchimentos com meu sobrinho e outro morador aqui da aldeia. Foram tirados aqui perto de casa, uns trezentos metros de distância, e fomos buscar nas costas, eu, pai, meus filhos e dois sobrinhos, um total de 90 enchimentos.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, enchimentos)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, pegando enchimentos)

Para fazer o processo de armação da kijême, contei com a arte do meu padrinho, José Braz, que também é liderança da aldeia. Meu pai foi o ajudante, pois se encontra de idade, assim não podendo pegar muito peso.

No início, meu padrinho disse que seria a primeira kijeme de taipa que ele

estaria fazendo a armação. Confiei neles, são minhas referências. Com duas semanas conseguiram deixar no ponto de colocar os enchimentos. Essa parte do enchimento fiz com meu pai, ele ensinou pela primeira vez, nesse momento de aprendizagem ele começou contar história dele e da minha mãe quando vieram morar aqui anos atrás. Às tardes, depois do trabalho, é que eu fazia esse trabalho com ele. Preparava os enchimentos, cortando do tamanho certo e passava para pai pregar.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, primeiros enchimentos pregados)



(Fonte: Jocelino Pataxó, 2023, pregando enchimentos)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, kijeme, enchimentado e coberto)

Após o processo de enchimentar o kijeme, foi a vez de envarar. Pai tinha cortado e puxado umas varas para casa. Começamos medindo no tamanho das paredes e cortando, mas nesse momento faltou varas. Tivemos que ir buscar na matinha, que ficava mais ou menos 2 quilômetros. Em um belo sábado, pai me chamou para buscar as varas que faltava. Antes não queria ir por ser distante e ter duas ladeiras, mas tive que enfrentar a missão.

Me preparei vestindo calça, botas, blusa de mangas, e fomos. Durante o trajeto, pai contou que a primeira casa dele aqui na aldeia foi feita de palha de palmeira, e após um incêndio a casa queimou. A partir daí ele disse que iniciou a construção da casa de taipa, junto com minha mãe. Meus irmãos nessa época eram pequenos. Pai disse que as varas, os enchimentos eles traziam nas costas, e os caibros e esteios mais pesados traziam de jegue.

Descemos e subimos as ladeiras três vezes, durante esse trajeto pensei em desistir, as varas pesavam nos ombros, e o pior: tinha esquecido de levar água. Me mantive firme, busquei forças na natureza e consegui.



(Fonte: Jocelino Pataxó, 2023, carregando as varas.)

Na tarde desse mesmo dia, terminamos de medir e cortar as varas, e meu pai voltou a mata para tirar cipó preto, o cipó verdadeiro, para amarrar as varas nos enchimentos.

A primeira parte de envarar, pai chamou uns rapazes aqui da aldeia que fez o trabalho, ficando a parte do oitão para envarar. Antes de fazer o embarreio, eu e pai terminamos de envarar os oitões.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023 envarando o kijeme)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, kijeme envarado)

O kijeme estava pronto para ser embarreado, fiz convites as várias pessoas da aldeia. Antes do embarreio, fui a cidade, comprei uns alimentos para fazer para as pessoas que viriam ajudar. Em um domingo cedo, começou o embarreio. Levantei cedo, comecei preparar um café, logo depois o almoço, para as pessoas do batalhão.

Foi um dia especial, minha mãe ajudou a cozinhar, bem cedinho pai preparou o lugar do barreiro, colocando caixa perto e água. Um pouco depois começaram a chegar as pessoas.

Uns tomaram café, outros tomaram suco, e começaram a cavar o barreiro. De início um barro preto que não estava dando liga. Mesmo assim tentaram embarrear uma parede. O barro não segurava na parede, meus irmãos estavam embarreando pela primeira vez. Mãe chegou e falou que o barro estava embebedado assim não daria liga. Fizeram algumas tentativas e não tiveram sucesso, mudaram para outro barreiro. Nesse momento, as coisas começaram a dar certo.

Contei com ajuda de várias pessoas, irmãos, pai, mãe, filhos, sobrinhos pequenos, estudantes e lideranças. Meio dia servi o almoço. Comeram, descansaram e voltaram a embarrear a kijeme. Finalizou o embarreio por volta das três da tarde. Nesse momento servi café, refrigerante, biscoitos, agradei todos pela ajuda.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, barreiro)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, barreiro)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, primeiras paredes embarreadas)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, criança aprendendo na prática)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, casa embarreada)

Nessa mesma tarde, comecei alisar as paredes para passar o tawá branco e amarelo. Enquanto o barro estava mole, alisei com mão. Quando finalizei de alisar a parte de dentro de casa, minha mão feriu. Nesse momento chamei mãe para perguntar como fazia esse processo de alisamento das paredes. Ela ensinou que era com o pano fino, passava primeiro na água e depois na parede. Em dois dias consegui alisar todas as paredes, a parte difícil foi os oitão que são altos, coloquei uma escada e consegui terminar.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, paredes sendo alisadas)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, paredes sendo alisadas)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, paredes sendo alisadas)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, paredes alisadas)

Após fazer todo alisamento da kijeme, deixei as paredes secarem por uns dias, e fui buscar o barro branco a uma distância de uns quinhentos metros, no pertence de Evanildes e ela me levou até o local. Passamos por uma grota de mata, descemos uma ladeira. Levamos enxadão, facão e um saco, embaixo no boqueirão encontramos a batinga. A dona do local tirou a batinga e eu lavava no córrego para tirar a areia. Na subida para chegar na casa de Evanildes, uma ladeira íngreme, com um saco na cabeça cheio de barro, foi um sufoco. Descansava toda hora, e quase no final da ladeira passei mal, quase desmaiei. Nessa hora Evanildes pegou o saco e levou até a casa dela. Fiquei na ladeira para pegar um fôlego.



(Fonte: Tamikuã Braz, 2023, limpando o barro.)



(Fonte: Tamikuã Braz, 2023, print do vídeo eu subindo a ladeira)

No dia seguinte, comecei a preparar o barro com água, e comecei a passar na parede com auxílio de um pano. Após passar em uma parede, minha mãe apareceu, e me ensinou, da forma correta, como passar o barro na parede e a mistura certa da água com o barro.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, preparo do barro)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, pintando kijeme com barro branco)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, paredes do interior da casa)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, paredes do interior da casa)

Após duas mãos de tintas com tawá branco, o resultado foi esse acima. Mãe disse que tenho que dar a terceira mão de tinta do tawá, para ficar ainda mais branco.

O tawá amarelo fica mais ou menos três quilômetros de casa. A primeira vez não acertei o local, voltei depois e perguntei meus alunos onde era o local e me informaram. Quando meu irmão Hercuri chegou aqui em casa, pedi ele para me levar de moto. Quando chegamos, tivemos que entrar numa matinha uns cem metros da estrada principal. Encontramos o tawá amarelo, ao lado do córrego, cavei o tanto que iria precisar, coloquei no saco, e meu irmão levou até a moto. Ao sair da matinha, lembrei de uma frase do meu tio José Sales (Piega), que disse “a natureza dá, mas também recebe, quando vamos no mangue ou na mata deixamos nosso sangue de agradecimento”. Quando saí na estrada, vi meu pé sagrando, tinha passado em uma planta que se chama tiririca.

No dia seguinte preparei a mistura da água com tawá amarelo, até ficar no ponto e comecei a passar nas paredes exteriores. Utilizei um rolo para ajudar na pintura.



(Fonte: Jocelino Pataxó, 2023, preparo da tinta.)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, pintando)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, crianças pintando, sobrinhas)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, kijeme pintado)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, pintado e sem piso)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, pintado e com piso)

A tradição de fazer casa de taipa veio de muito tempo, sempre morei em casa de taipa feita por meus pais. Ao relembrar dessa habitação, decidi realizar esse desejo de fazer a Kikême Kuãsê juntamente com a comunidade, que vai fazer parte da memória ancestral da aldeia. Este lugar homenageará todos aqueles que contribuíram com a aldeia, lutando pela saúde, pela escola, território e cultura. Também vai ser o local, onde cada membro da aldeia poderá olhar e ver as lembranças, registradas em fotos, em artes, na escrita.

A Kikême Kuãsê servirá como um minimuseu, pois este lugar guardará artes da aldeia, feitas por moradores da aldeia, porque temos artistas, artesãos de diversas faixas etárias. Um lugar sagrado que permitirá mostrar nossos dons artísticos, também será lugar de pesquisar, lugar de memória, de vida e lugar de luta.

Quando pensei em construir veio em mente toda trajetória da aldeia, da escola, porque para estar como hoje, passou por construir e reconstruir. Essa pedagogia indígena da construção não ficaria apenas em eu escrever a minha dissertação, mas em construir um lugar que representa a força, união, costume e tradição.

A Kikême Kuãsê é tradição. Essa forma de habitação está desaparecendo, perdendo a força e construir junto com crianças e jovens foi um aprendizado tradicional, que ficará na memória como a pedagogia indígena da construção e que deverá passar por gerações. Ao lembrar de todo processo de construção, é uma dádiva, aprendi tanta coisa, meus pais, meus mestres, ensinamentos milenários foram transmitidos. Tenho tanta gratidão a meu povo, minha comunidade, minha família, e a UFMG por idealizar o produto educacional que me permitiu realizar um sonho.